

O EXISTENCIALISMO E A QUESTÃO DE GÊNERO NOS ROMANCES BRASILEIRO E PORTUGUÊS¹

THE EXISTENCIALISM AND THE QUESTION OF GENDER IN THE BRAZILIAN AND PORTUGUESE NOVELS

**Lisiane Simon Soares²
Inara de Oliveira Rodrigues³**

RESUMO

O século XX foi marcado por profundas transformações culturais, entre elas, o surgimento de movimentos que se preocupavam com o desvelamento da identidade dos indivíduos, como o feminismo. Nesse contexto, literariamente, a escrita feminina passou a conquistar um maior espaço de reconhecimento e muitas autoras surgem com o intuito de expressar uma identidade de gênero. Nesse universo, destaca-se, na Literatura Brasileira, a escritora gaúcha Lya Luft cuja obra propicia reflexões sobre a problemática apontada a partir do percurso intimista de suas personagens. Na Literatura Portuguesa, avulta Teolinda Gersão, cuja temática propõe questões relevantes sobre os reflexos da ditadura salazarista na vida de suas personagens. Analisar os pontos de aproximação e distanciamento dos romances *As parceiras*, de Lya Luft e *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, de Teolinda Gersão, considerando o contexto social, político e histórico em que se inserem, constitui-se no objetivo central desse trabalho. Tal proposta analítica fundamenta-se, nos estudos teóricos centrados nas questões relativas ao gênero e nos principais aspectos do Existencialismo, e procura assim contribuir para o aprofundamento das pesquisas concernentes às literaturas de língua portuguesa em suas relações e inter-relações com as diferentes realidades histórico-culturais nas quais se inserem.

Palavras-chave: romance, existencialismo, gênero

ABSTRACT

The XX century was marked by deep cultural changes, among them the appearance of movements that were concerned with the uncovering of the individuals identities, as feminism. In this context, literarily, the female

¹ Trabalho Final de Graduação.

² Aluna do curso de Letras da UNIFRA.

³ Orientadora.

writing started conquering more recognition and many female authors come up with the aim of expressing a gender identity. In Brazilian Literature, the southern writer Lya Luft stands out. Her production allows reflections about the issues pointed up from the characters' intimate journey. In the Portuguese Literature, Teolinda Gersão stands out, for her theme proposes relevant questions about the reflexes of the Salazarist dictatorship upon the lives of her characters. To analyze the points of approximation and distancing of the novels *As parceiras*, by Lya Luft and *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, by Teolinda Gersão, considering the social, political and historical contexts is the central aim in this work. Such analytical proposal is based on the theoretical studies centered in the issues related to gender and in the main aspects of Existentialism, and wishes to contribute to deepen the Portuguese Literature researches and their interrelations with the different historic-cultural realities in which they are inserted.

Key words: novel, existentialism, gender.

INTRODUÇÃO

Na década de oitenta, foram lançados os romances *As parceiras* (1980), de Lya Luft e *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982), de Teolinda Gersão. Esse período propiciou, tanto no Brasil como em Portugal, o desenvolvimento de questionamentos referentes à transição dos regimes ditatoriais para os democráticos, a partir de diferentes olhares, dentre os quais a visão crítica de uma escrita feita por mulheres.

A temática dos textos literários aqui analisados gira em torno de figuras femininas vivendo em uma totalidade basicamente dominada por homens. Impõe-se assim reflexões em torno da pergunta sobre o que é ser mulher, as quais ganham destaque a partir da doutrina existencialista. O Existencialismo tem como um dos temas fundamentais a liberdade humana e a noção de que a “existência precede a essência”, pois, segundo o filósofo Jean Paul Sartre, o homem primeiro existe para depois ser e, portanto não há determinismo sobre seus atos. Estar condenado a ser livre “significa que não se poderia encontrar outros limites à minha liberdade além da própria liberdade” (SARTRE, 1980). Livres, homens e mulheres podem construir sua existência dentro de um mundo repleto de questões referentes ao ser e suas vontades.

Às considerações anteriores, incorpora-se a discussão feminista como efetivada por Simone de Beauvoir, envolvendo questões sobre a identidade feminina, a partir não mais só de aspectos biológicos, mas também, em

consideração ao que se espera de uma mulher na sociedade em que ela vive, ou seja, a imposição de determinados comportamentos e papéis sociais.

Com base nesses referenciais, torna-se relevante o estudo das obras que constituem o *corpus* deste trabalho, buscando-se apontar as convergências que se estabelecem entre elas, no que respeita à constituição de uma escrita feminina voltada à indagação sobre a situação da mulher, enquanto ser no mundo no qual é jogada e deve construir-se.

Visando desenvolver as problemáticas apontadas, esta proposta de análise, de caráter bibliográfico, foi dividida em três partes: na primeira, apresentam-se alguns dos principais conceitos do Existencialismo e a questão do gênero; na segunda parte, desenvolve-se, a partir desses embasamentos teóricos, a análise das referidas obras e, por fim, nas considerações finais, estabelece-se um diálogo entre os dois romances, destacando-se aspectos em que eles se aproximam e se distanciam.

A QUESTÃO DE GÊNERO E O EXISTENCIALISMO

O feminismo é, sem dúvida, um dos movimentos mais importantes do século XX. Surgiu na primeira metade do século XIX, como representante da luta pela defesa e ampliação dos direitos da mulher. No entanto, foi na década de 60 que atingiu reivindicações mais amplas, questionando a noção de identidade de gênero não apenas ligada ao sexo, mas em sua dimensão sociocultural.

Durante muito tempo, foram aceitas como “naturais” as relações de poder entre os sexos e a mulher condicionava-se à posição de subordinada aos preceitos masculinos. Com o advento das mudanças sociais e econômicas, no decorrer da segunda metade do século XX, as qualidades “femininas ou masculinas” passaram ser vistas pelas reflexões feministas, como atributos do indivíduo e não como marcas do sexo, ou seja, as discussões sobre o tema trataram de negar importância à diferença genital entre homens e mulheres e abriram discussões para o campo histórico.

Uma frase que resume a questão do gênero é a da célebre escritora Simone de Beauvoir: “A mulher não nasce: faz-se” (1949, p. 5), isto é, a mulher é, culturalmente, sujeita aos domínios patriarcal e matrimonial e precisa “fazer-se” enquanto sujeito de sua própria vontade.

De um modo geral, os estudos dedicados ao gênero analisam os papéis e responsabilidades atribuídas ao homem e à mulher no contexto da nossa sociedade, rejeitando a idéia de que se definem como certas características, aptidões e comportamentos “esperados” de cada um deles (a feminilidade e a masculinidade). Esses papéis e expectativas seriam distin-

tos com o tempo e segundo as organizações econômicas e sociais. Beauvoir dá-nos, ainda, uma visão desse aspecto:

É fácil imaginar um mundo em que homens e mulheres sejam iguais, pois é exactamente o que prometeu a revolução soviética: as mulheres, educadas e formadas exactamente como os homens, trabalhariam nas mesmas condições e com os mesmos salários; a liberdade erótica seria admitida pelos costumes, mas o acto sexual já não seria considerado como um “serviço” que se remunera; a mulher teria de assegurar outro modo de ganhar a vida; o casamento fundaria-se num livre compromisso ao qual os esposos poderiam pôr termo quando quisessem; a maternidade seria livre, isto é, autorizaria-se o controle da natalidade e o aborto, que por sua parte daria a todas as mães e aos seus filhos exactamente os mesmos direitos, estejam elas casadas ou não; as baixas por maternidade seriam pagas pela colectividade, que tomaria a seu cargo as crianças, o que não significa que elas seriam retiradas aos seus pais, mas que não seriam abandonadas. (1949, p. 493)

Depreende-se da citação acima que não há uma “natureza” predefinida para os papéis sociais de homens e mulheres, mas ao contrário, eles são fruto de determinadas ordenações sociais, econômicas e culturais. Assim, a construção de uma ideologia de gênero passou a considerar que cada sociedade produz as suas próprias normas de conduta e modela um tipo de mulher “adequado”. Nas sociedades ocidentais judaico-cristãs, em geral, se a mulher conquistou o espaço do trabalho, no espaço doméstico continua sua subordinação ao modelo de família tradicional - heterossexual e monogâmica - ao qual se submete com os deveres da maternidade e da manutenção da ordem doméstica, poucas vezes divididos com o marido. Desse modo, se a família deveria ser o lugar de solidariedade, interdependência consentida e fidelidade, acaba afirmando as diferenças de papel entre homem e mulher, cuja origem é histórica e cultural.

Como adepta da doutrina existencialista, Beauvoir acreditava que os seres humanos são responsáveis pelo sentido que atribuem a suas vidas. Apesar de sermos todos jogados em um mundo com normas e valores estabelecidos, fazemos nossas próprias escolhas: cada indivíduo é seu próprio mundo; a mulher, porém, constrói-se a partir do sujeito masculino.

Antes de dar-se continuidade a essa reflexão, contudo, entende-se como necessário apontar alguns princípios do Existencialismo que pode ser definido como uma linha de pensamento e uma atitude filosófica que privile-

gia a existência sobre a essência – “fazer e, ao fazer, fazer-se e não ser nada senão o que se faz” (SARTRE, 1943, p.30).

O grande precursor das idéias existencialistas foi Sören Kierkegaard que defendia a idéia de uma fé vivenciada, religiosamente, colocando-se como instrutor de uma filosofia cristã. De acordo com a necessidade de escolher, cada um age com ou sem referência a Deus. Outras fontes de reflexão já prenunciavam algumas coordenadas das reflexões posteriores do Existencialismo. Dentre essas, destacam-se quatro fontes: a Socrática, a Cartesiana, a Pascaliana e a Nietzscheana.

A fonte Socrática gira em torno de uma filosofia do vivido. Sócrates foi o primeiro filósofo a preocupar-se com a existência do homem. Com a sua máxima: “Conhece-te a ti mesmo”, observamos que, para este filósofo, primeiro o homem devia cuidar de si para poder engajar-se na vida política. Pode-se dizer que a influência de Sócrates sobre a corrente existencialista foi considerável. Acreditava que o homem é seu próprio centro e o mundo inteiro não tem outro senão ele, porque o conhecimento que ele tem de si mesmo é um conhecimento de Deus. O homem deveria compreender-se e compreender suas relações com cada um, sempre com a mesma humildade e o mesmo orgulho. Sócrates teve, para isso, a coragem e o domínio de bastar-se a si mesmo e de ser único.

A segunda fonte referida detém-se na filosofia da ação. Descartes (1596-1650) propôs uma filosofia da ação, os homens deveriam estar preocupados em saber agir diante dos desafios da vida e de acordo com a verdade que nos é lançada como única. Pode-se afirmar que sua principal preocupação referia-se à angústia de não distinguir a verdade de suas ações.

Já a Pascaliana cita o trágico da existência. Pascal leva o homem a uma reflexão profunda sobre sua condição no universo, existência e morte. O filósofo inquieta-se diante da dualidade humana: dependência do homem para com Deus que permanece escondido e a transcendência divina. O homem, ao mesmo tempo que perde sua origem, busca-a desenfreadamente e é justamente nesse ponto que reside a fraqueza e a angústia humana diante da imensidão infinita que o cerca.

A fonte Nietzscheana aponta o advento do homem-deus. Nietzsche defende uma filosofia que se baseia na aposta de uma fé no homem. Segundo ele, “Deus morreu” e, portanto, abrem-se aí as portas para a afirmação do existencialismo ateu. Reconhece que “o homem é o futuro do homem”.

A partir dessas vertentes do pensamento filosófico, foi, sem dúvida, Jean-Paul Sartre um dos grandes pensadores que impulsionou a corrente filosófica existencialista. Sartre nasceu em Paris, estudou na Alemanha sendo, durante algum tempo, prisioneiro dos alemães. Passou os anos da guerra

em Paris, onde publicou em 1943, sua obra filosófica mais importante *O Ser e o Nada*. Tinha preocupações políticas, mas sobretudo, ocupava-se com a natureza da vida humana e das estruturas da consciência. Com ele, o Existencialismo atinge seu ponto mais alto, “a existência precede a essência”. O homem então é colocado no centro de tudo, como um ser em construção, responsável pelo sentido que a vida lhe atribui e capaz de mudar seu destino por suas ações.

Ao definir o homem como um ser condenado a ser livre, afirma-se sua condição de estar só e sem desculpas, pois nada o força a fazer o que faz: porque livre, entende-se que não precisa justificar a Deus ou à sociedade seus atos; condenado, sofre a angústia da dúvida quanto à decisão que tomou, se certa ou não, tendo a plena consciência de que tem por obrigação arcar com suas próprias conseqüências. Para Sartre:

O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser. Como vimos, para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tampouco de dentro, que ela possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser. (1943, p. 545)

O filósofo afirma que o homem é livre, encontra-se só diante do mundo e das coisas, nada o impede de fazer o que tem vontade e também nada o justifica; escolhe seus próprios caminhos e realiza suas vontades com a consciência de que está no mundo para fazer-se, construir-se. No entanto, essa escolha torna-se, às vezes, de difícil aceitação para o homem, porque se vê jogado no mundo onde ele próprio tem o dever de construir suas verdades e aceitá-las como certas. Está claro, para ele, a noção de responsabilidade que se deve ter diante da liberdade. Em algumas ocasiões, nega-se a própria certeza das coisas e age-se com má-fé. Ao mentir dizendo não sei, juro que não fiz por mal, etc., se está negando uma verdade óbvia que se sabe e isso Sartre chama de má-fé:

A má-fé, como dissemos, é mentir a si mesmo. Por certo, para quem pratica a má-fé, trata-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável. A má-fé tem na aparência, portanto, a estrutura da mentira. Só que – e isso muda tudo – na

má-fé eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo...aquele a quem se mente e aquele que mente são uma só e mesma pessoa, e isso significa que eu, enquanto enganador, devo saber a verdade que me é disfarçada enquanto enganado(...). (1943, p. 92)

Outra questão que ganha destaque em sua doutrina é a definição do nada, pois, ao afirmar que o nada já é alguma coisa, é a própria representação da consciência. O nada é algo que existe, é a consciência na sua ação de tornar possível negar, escolher, é o princípio da liberdade de pensamento (de imaginar possibilidades) e da liberdade de ação (o de tentar realizá-las), enfim, é tornar real a negação.

O medo diante das escolhas reforça a dúvida sobre quem se é e o que se vai fazer, que atitudes tomar, se se está no caminho certo ou não, como diz Sartre: “A vertigem é angústia na medida em que tenho medo, não de cair no precipício, mas de me jogar nele” (1949 p.73).

O filósofo francês chama de náusea a inconstância humana diante do mundo que surge, pois ao mesmo tempo em que se é livre para provocar mudanças, também existe a impotência diante do que não se pode modificar e que não se aceita como verdade absoluta.

O Existencialismo, enquanto corrente filosófica, leva o ser às mais profundas reflexões diante de si e do mundo que o cerca. É, portanto, a filosofia que marca o “retorno ao concreto”, buscando a realidade na qual somos jogados e precisamos encontrar nossa identidade.

Seguindo essas reflexões, Simone de Beauvoir apresenta uma explicação filosófica do desenvolvimento da sociedade patriarcal e da condição das mulheres nessa sociedade. Ao aplicar a filosofia do Existencialismo ao seu estudo sobre a condição feminina, que desenvolveu ao lado de Sartre, revela a dimensão inaceitável da subordinação das mulheres ao longo da história.

O que ela chama de “o Outro” é um ponto crucial de sua filosofia. Para ela, os homens, ao longo da história, definiram a si mesmos como o ser essencial: o ser que encarna, de forma mais completa, a faculdade que os distingue dos animais, isto é, a racionalidade. Representavam o ponto positivo enquanto a mulher é considerada em segundo plano, como um personagem sem voz, dentro de um texto dominado por um ser superior. É então encarada como o ponto negativo e reverter tal percepção implica em mudanças de comportamento, em uma conscientização do papel da mulher em uma nova sociedade que se quer sonhar mais justa e efetivamente solidária.

De forma mais ou menos direta, essa problemática encontra-se na escrita feminina e intimista de Lya Luft e de Teolinda Gersão: perscrutar o universo diegético dos romances eleitos para análise é a tarefa conseqüente que se impõe, ancorada nos pressupostos apresentados.

AS PARCEIRAS E O JOGO DA EXISTÊNCIA

Lya Luft é uma das escritoras gaúchas que mais se consagrou no âmbito literário. Sua carreira iniciou com uma série de traduções de obras clássicas de autores consagrados como Virgínia Woolf, Bertholt Brecht, Rainer Maria Rilke, entre outros. A ficção entrou, em sua vida, dois anos depois de um acidente automobilístico quase fatal, em 1979. Como teve uma visão mais próxima da morte, diz a autora que começou a fazer tudo o que evitava. Sobre a sua escrita afirmou em uma entrevista:

Não existe isso de homem escrever com vigor e mulher escrever com fragilidade. Isso não existe. É um erro pensar assim. Eu sou uma mulher. Faço tudo de mulher, como mulher. Mas não sou uma mulher que necessita de ajuda de um homem. Não necessito de proteção de homem nenhum. Essas mulheres fragezinhas, que fazem esse gênero, querem mesmo é explorar seus maridos. Isso entra também na questão literária. Não existe isso de homens com escrita vigorosa, enquanto as mulheres se perdem na doçura. Eu fico puta da vida com isso. Eu quero escrever com o vigor de uma mulher. Não me interessa escrever como homem. (LUFT, 1996).

O romance *As parceiras*, objeto desta análise, é conduzido por uma narradora-protagonista, Anelise, em forma de diário, no decorrer de uma semana. Trata-se de uma mulher mergulhada no passado, do qual desfilam pessoas anormais, malnascidas, deformadas, suicidas, desequilibradas, violentadas, tristes e desgraçadas. Na busca por compreender a trajetória das mulheres da família, Anelise, adulta, recorre às lembranças de sua infância e adolescência, voltando ao chalé à beira-mar que marcara sua vida por sempre:

(...) e deparo com a mulher postada no morro à minha direita. Bem na pedra saliente, onde a rocha cai na vertical até às águas inquietas (...) Nazaré, a caseira, conta que essa mulher apareceu aqui ultimamente, sobe o morro e fica um tempão olhando a paisagem. Sempre no mesmo lugar. Uma apaixonada pelo mar, como eu. Como minha amiguinha Adélia, que se colocava naquela pedra também, para me assustar. (...) A mulher do morro me fez pensar em minha avó. (LUFT, 1980, p. 11-12).

Há, nesse trecho, uma identificação da narradora com a outra “mulher”, pois ambas contemplam o mar, numa busca incessante pela desco-

berta do desconhecido. O mar assume essa característica, é um mistério, como ela mesma afirma: “Não sei o que tanto a veranista procura no morro, mas vale a pena subir: à frente, o mar pardo e sinistro. Atrás, as dunas tumulares”. (p. 16) Essa leitura permite depreender que o mar detém um certo poder que atrai essas mulheres para contemplá-lo, mesmo “pardo e sinistro” propicia uma espécie de acalanto para seres em questionamentos profundos, como é o caso da protagonista.

A misteriosa veranista a faz lembrar-se da avó, a matriarca da família, pois tudo começou com Catarina. “Tinha 14 anos quando casou... Jogaram com ela um jogo sujo”. (p. 11). Enlouquecida, foi morar no sótão do casarão de onde surgiam os fantasmas e as deformações físicas e morais das pessoas envolvidas nesse mundo complexo e misterioso, conforme ilustra o texto:

A mãe voltou para a Alemanha, aliviada por estar a filha em boas mãos, destino assegurado. O destino foi zeloso: caçou-a pelos quartos do casarão, seguiu-a pelos corredores, ameaçou arrombar os banheiros chaveados como arrombava dia e noite o corpo imaturo. Mais tarde, entenderam que os arroubos de meu avô eram doentios: nada aplacava suas virilhas em fogo. E Catarina sucumbiu a um fundo terror do sexo e da vida (...) ela se refugiou onde pôde: um mundo branco e limpo, que inventava, e onde se metia cada vez mais. (...) Mandou mobiliar o sótão como um quarto de menina. Tudo branco. Faltavam só as bonecas, para que a inocência fosse recomposta. (LUFT, 1980, p. 14-15)

Percebe-se, ao ler a citação que as redescobertas e revelações do passado fazem Anelise refletir muito sobre os abusos do “poder masculino” explicitado na figura forte de seu avô e nos dramas que Catarina passou. De tanto sofrer, a avó acabou criando um mundo próprio para refugiar-se do “desconhecido” com o qual se unira pelo casamento, pois o marido abusava sexualmente dela, desrespeitando seu corpo e suas vontades, tornando uma relação que deveria ser prazerosa numa obrigação.

Nesse ponto do romance, pode-se analisar as questões relacionadas ao gênero, pois apontam para uma transformação na vida de Catarina que tem sua existência marcada pelo domínio que representou para ela o casamento. A condição que lhe foi imposta pelo marido a marcou como, certamente, também ocorreu (e ocorre) a tantas outras mulheres. Nas palavras de Simone de Beauvoir:

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. (...) integrada como escrava ou vassala nos grupos familiares dominados por pais e irmãos, a mulher sempre foi dada em casamento a certos homens por outros homens. (1949 p. 165-166).

A filósofa coloca, desse modo, que a mulher é condenada ao casamento, ou seja, é uma relação artificialmente estabilizadora. Catarina não realizou o sonho da mãe de ser feliz, pois se uniu a um homem que não conhecia e acabou com marcas profundas.

Anelise, no casarão, contemplava tudo sem poder mudar o destino das mulheres da família que, segundo o avô, eram “um bando de mulheres inúteis” (p. 18). Catarina enlouqueceu e foi morar no sótão, Beatriz, a filha beata, sofreu a tragédia do suicídio do marido, após o matrimônio, por ele ser impotente. Dora, a tia de muitos maridos e muitas decepções, era pintora de monstros. Norma, a mãe de Anelise e Vânia, era uma mulher forte, o oposto de Anelise, mas que, no fim, guardava um grande segredo e acabou falecendo tragicamente com o marido num acidente de avião. E Bila, a filha retardada e anã de Catarina.

“É isso que conheço da história das minhas raízes. Uma família de mulheres. - Uma família de doidas – comentava tia Dora”. (p. 15-16). Identificamos várias existências marcadas pela desgraça. Analisando essa questão sob os aspectos do gênero, percebe-se que os preconceitos sofridos pelas mulheres são de tal forma colocados, que elas passam a se definir como doidas e perdedoras.

Nessa narrativa, Anelise, em sua procura por entender os destinos das mulheres da família, vê-se numa situação inexplicável de náusea, em que não se define enquanto ser devido às desgraças que se perpetuaram na família, vivendo como se carregasse nas costas a culpa de não reter o tempo perdido:

Vim ao chalé resolver minha vida, se é que ainda há o que resolver. (...) É como se a vida fosse um jogo em que as peças mudam, mas as jogadoras são as mesmas. Incógnitas. (...) Mas eu tenho muito que fazer: descobrir como tudo começou, como acabou. Por que acabou. (LUFT, 1980, p. 16-18)

Acreditando estar lá para “resolver sua vida”, a personagem narradora-protagonista, relembra seu passado, seu primeiro amor com o primo Otávio e a vida que ele então tinha, o casamento com Tiago, desgastado pelo tempo e pela sua fixação pela maternidade, os cinco abortos e a gravidez que gerou o filho quase perfeito que sofrera lesão cerebral e duraria

apenas dois anos. Foi uma mulher que dedicou à vida à gravidez e ao sonho de ser mãe, para tentar fugir de seus fantasmas da infância e da adolescência: “mais que tudo no mundo, eu queria um filho”. (pg. 121). Como ela afirma quando dá a luz:

O parto foi difícil: eu estava tão rígida, me sentia tão acuada, não se podia desfazer filho? Não podia. Tiveram de me anestesiarem no fim, mas acordei numa calma embotada e feliz: meu filho nascera. Perfeito, disseram. Um menino graúdo e bonito. Lauro, meu filho. Afinal nascera um homem nessa família de mulheres, e eu vencera, a vida vencera. (p. 122)

A ilusão dessa vitória, contudo, teve curta duração com o diagnóstico da doença do filho. E, novamente, no universo intimista em que vivia, Anelise encontrou-se angustiada com a própria solidão, vivendo a experiência do nada ou a negação por não conseguir realizar seus projetos de vida, entregando-se a uma profunda melancolia: “A náusea se arrasta pela minha garganta, como um grande verme que morasse no meu estômago. No coração. (LUFT, 1980, p. 130).

Essa náusea é o equivalente à concepção existencialista da máxima liberdade e impotência humana. Toda a narrativa constrói-se num emaranhado de fatos em que as personagens parecem ser frutos do próprio destino, numa dimensão trágica que não permite que escolham e nem tenham a chance de construir o seu mundo. No entanto, às fatalidades somam-se as limitações de uma sociedade machista e patriarcal, que se traduzem em loucura e alienação, na fronteira turva da tentativa e impossibilidade de descobrirem a sua própria identidade, apontando para a certeza de nada serem ou saberem: “Saber: não sabemos nem de nós mesmos”. (LUFT, 1980, p. 70).

No romance em análise, desvenda-se a situação em que vive a mulher tanto pelo preconceito quanto ao sexo e quanto à noção de que são inferiores aos homens, como pela percepção de que não são nada e que o único fim (finalidade da existência) é a morte, não somente a morte física, mas a morte em todos os seus aspectos e em todos os seus disfarces, como descobre Anelise no fim da narrativa:

Bem junto de mim, uma mulher. (...) A minha veranista.
(...) Não entendo como não a reconheci antes. Então era por mim que ela estava esperando, todo esse tempo. Esse longo tempo. Descemos de mãos dadas.
(LUFT, 1980, p. 149)

As passagens abaixo revelam o principal ponto do romance: o grande

jogo, metáfora da disputa entre a vida e a morte, no qual todas as personagens são as peças com as quais o destino se encarrega de jogar:

Mas isso foi quando éramos crianças, e as peças do jogo não tinham começado a sumir ou a confundir-se no tabuleiro. (p. 11)

É como se a vida fosse um jogo em que as peças mudam, mas as jogadoras são as mesmas. Incógnitas. (p. 17)

Enquanto eu me debatia, sob uma superfície de fingido alheamento, as parceiras, ocultas, se divertiam comigo. (p. 33)

Talvez isso também tenha sido melhor, afinal: a morte a derrubar do tabuleiro subitamente duas peças juntas, uma não podia viver sem a outra. Poeira de gente no mar. A raiz enferma não teve tempo de brotar com mais violência. (p. 31)

Assim reafirma-se o título do romance: as parceiras, a vida e a morte, sempre lado a lado, a esperarem o tempo cumprir seu curso para desvelar os seus segredos e desafiando os seres a identificarem um sentido para a existência.

O MAR E A REPRESENTAÇÃO DA LIBERDADE NO ROMANCE PORTUGUÊS

Na literatura portuguesa contemporânea, destaca-se Teolinda Gersão como uma das mais importantes escritoras. Os seus livros tratam da problemática das relações humanas, o amor, a morte, a opressão e a liberdade.

Entre seus romances, *Paisagem com mulher e mar ao fundo* é marcado por uma profunda reflexão histórica de Portugal em sua época mais crítica – o fascismo. A obra explicita a opressão sofrida pelas personagens nesse período, o silêncio é vencido pela necessidade de superação dos desafios propostos não só pela existência marcada por dúvidas, mas também por um governo que dita leis e gera o medo nas pessoas, conforme evidencia-se na citação a seguir:

(...) mas sempre de novo o universo de O . S. voltaria, agredindo, batendo contra a casa, desafiando com a sua violência as paredes frágeis da casa, a felicidade – via agora – fora sempre uma pausa breve, clandestina, roubada ao tempo, - montara o cavalete ao fundo do

jardim e via-os sentados nas cadeiras de madeira branca, com um monte de revistas e papéis espalhados em frente sobre a mesa de pedra, se prestasse atenção poderia distinguir as suas vozes, tudo parecia tão sereno e tão livre, na manhã clara, nenhuma coisa perturbaria o trabalho, era um dia alegre e calmo e eles faziam o que tinham escolhido fazer na vida, e no entanto só em aparência era verdade, deu conta de como era escura a cor que começara a espalhar na tela, contrastando com o dia claro, só à superfície claro, porque havia sempre uma angústia espalhando-se, um sopro de ameaça, por detrás das coisas, a desconfiança por vezes instalando-se, notícias ditas a meia voz apenas, um controle tácito, uma autocensura que instintivamente impunham a tudo o que diziam (...) (GERSÃO, 1996, p. 97-98)

Essa citação apresenta reflexões de Hortense, principal personagem e narradora da obra, cujos dramas pessoais fundem-se aos traumas da nação portuguesa, silenciada, desconfiada e angustiada diante do governo ditatorial.

É possível identificarmos, na narrativa, outras vozes de personagens que sofrem com o regime de governo e com a censura, como é o caso, principalmente, de Clara, a nora de Hortense, casada com Pedro. Clara, grávida, tem que despedir-se do marido que vai para a guerra colonial e nunca mais volta. Hortense que já havia perdido o companheiro Horácio sente assim duplicada a sua dor pela morte dessas duas pessoas que formavam seu universo de afeto.

Clara, por sua vez, sofre e questiona-se quanto ao futuro do filho que virá. Sua vida reflete as conseqüências do regime fascista e é marcada por conflitos existenciais, expressando a angústia diante da indecisão de viver ou morrer. Sabe que pode decidir isso a qualquer momento, pois é “livre para fazer suas escolhas”, como já dizia o filósofo Jean-Paul Sartre. A essa afirmação corresponde uma das questões mais importantes da filosofia Existencialista.

As outras personagens que aparecem na narrativa têm também suas vidas marcadas por conflitos desse tipo, pois é muito forte o regime de governo português que acaba transformando, pelo medo e opressão, a vida de todas as demais personagens, privadas da liberdade e da consciência, vivendo num mundo onde são obrigadas a ser o que os outros querem que sejam.

Nesse aspecto, há outra assertiva sartreana que pode servir de referência a essa análise: “o inferno são os outros” porque, no fundo, o outro sempre será um desconhecido que nos atormenta e ao qual “devemos” explicações ou pelo menos “justificativas” de nossas atitudes. Essa questão aparece, de certo modo, na citação a seguir, pois os outros representam o mundo que está fora de nós e do qual temos consciência:

(...) mas os outros, os outros, existe um mundo, além de nós, dissera Pedro, e também Clara, quando Horácio morrera, é preciso não se fechar em si próprio como se se fosse a única pessoa a sofrer no mundo e nada mais existisse, porque é em ti mesma que tem que existir teu próprio centro, a tua relação com o mundo tem de ser directa, sem alibis nem subterfúgios, não podes viver através de ninguém a tua vida, onde existes tu mesma para além das imagens que nos dás de ti, das imagens falsas (...) (GERSÃO, 1996, p. 54)

Hortense vê-se diante de uma grande angústia acompanhada do sentimento de náusea que a interpela a todo o momento diante das perdas que tivera. É aconselhada pelo filho e pela nora a não viver só num mundo criado por ela própria e, no qual, busca forças para reagir, Clara tenta reanimá-la:

(...) nada está nunca terminado enquanto se está vivo e é sempre possível recomeçar de outro modo, de repente estender a mão e inverter os termos da relação com o mundo, porque a vida se faz com as mãos (...) (GERSÃO, 1996, p. 56)

Reafirma-se, pelas colocações da nora, uma visão mais otimista da possibilidade de se reverterem os caminhos que a vida apresenta; Hortense, no entanto, possui uma visão mais realista:

(...) mas não era verdade, Clara, e um dia chegará também a tua vez de não acreditar em palavras. Há a vida, a morte, a capacidade ou a incapacidade de viver, o momento de querer, ou não, continuar. (GERSÃO, 1996, p. 56)

As personagens destacadas sentem-se angustiadas diante da falsa liberdade que têm. A náusea torna-se muito presente nas reflexões existencialistas, pois é exemplificada pelo caráter de que se é, muitas vezes, impotente diante dum mundo já estabelecido, mas no qual, tem-se escolhas a fazer e pelas quais se é responsável.

Essa personagem, Hortense, sofreu na pele os reflexos reais e concretos das mortes geradas por conta de um regime autoritário. A imagem da morte do filho gerou nela um sentimento profundo de dor que é também outro exemplo de angústia diante da impotência diante da morte, no caso, em função das guerras coloniais:

(...) o cheiro de pólvora subindo entre a folhagem húmida, as vozes que gritam, inseguras, contra o medo, são anos ou segundos, não há nenhum abrigo possível, é tudo apenas uma questão de sorte e de acaso, que a tua morte seja ao menos instantânea, fulminante, uma queda vertical no escuro, quanto tempo esperaste ainda pela morte, quanto tempo ainda, depois de cair por terra, caindo para a frente infinitamente devagar na luz intensa, estendido de borco no chão, o sangue da sua boca na terra, via-o cair assim sempre de novo, como se o chão fosse infinitamente longe e o movimento nunca chegasse ao fim. E ela não podia deixar de olhar. (GERSÃO, 1996, p. 66)

Percebe-se a noção clara da responsabilidade desse governo arbitrário que tem na impotência do povo e das mulheres sua força. As mães vêem seus entes queridos partindo, são obrigadas a aceitar a dor da despedida, pois sabem que é uma viagem sem volta e ainda tem que aceitar o governo injusto que impõe suas leis para o povo. Nesse aspecto, abrem-se reflexões acerca do papel da mulher na sociedade:

(...) não se finja inocente nem se arme em vítima porque também é culpada, somos todos culpados e não adianta fingir mais tempo, é melhor gritar a verdade, mas é evidente que é mais fácil ficar sentada a tricotar do que pensar alguma vez nessas coisas, é mesmo muito melhor que isso não aconteça, porque se alguma vez uma mulher pensasse poderia recusar Ter um filho e nesse caso não teria pretexto algum para tricotar e como seria possível a uma mulher viver sem tricotar, é para que as mulheres não pensem que se protege tanto a sagrada instituição do tricô, mas é tempo de gritar a verdade de uma vez por todas, gritar que pactuamos contra os filhos porque nenhuma de nós disse: < não vás> e é inútil fingir que não se é culpada (...) (GERSÃO, 1996, p. 75)

Hortense, no entanto, não se sujeitou ao seu “destino”. Lutou contra a família: “vou-me embora, apenas vivera nessa casa um dia só, pensou, respirando fundo com alívio, não teria sido possível agüentar viver lá por mais do que isso” (p. 125), não agüentava aquela vida: “Seu pai. De pé em cima da pirâmide familiar, detentor dos bens e dono único da verdade e da força”. (p. 125). E encontrou em Horácio a sua segurança, pois ele também representava a força de resistência para a construção de uma vida que não estivesse alicerçada no medo e na dependência. Com Horácio, explicitava-se, para ela, a certeza de que toda tentativa de reação só é verdadeira quando coletiva:

(...) porque não é nunca sozinho que se parte para criar seja o que for, disse Horácio, é sempre com os outros, e é de qualquer modo uma forma de amor entregar-se, jogar-se inteiro em qualquer coisa, correndo o risco de no fim encontrar inquietação e não resposta, era dele que vinha a sua força, soube. E nessa força, por outro lado, ele se apoiava. (GERSÃO, 1996, p. 102)

Ao contrário disso, a realidade que existia em sua casa, quando solteira, recaía sobre a dominação, a censura, a anulação total da mulher como se ela só servisse como “empregada” da casa. Não tinha voz, mas Hortense rompeu barreiras e saiu cedo de casa por não agüentar mais a situação que lhe era imposta:

A interdição tácita de não ser feliz, de não viver satisfeita, de não achar que a sua era a melhor das vidas, uma vez que lhe diziam que era, a proibição de revoltar-se. Os livros permitidos e os livros proibidos, as ideais, desejos, sonhos, pensamentos permitidos, as ideais, desejos, sonhos, pensamentos proibidos. O imaginário que não se podia modificar nem pôr em causa. A mulher sem desejo nem corpo, porque só ao homem pertencia o desejo e o corpo. A mãe como um perfil de sombra, transparente a ponto de se tornar invisível, a casa perfeita, ordenada, silenciosa como se se mantivesse no ar, suspensa (...) (GERSÃO, 1996, p. 133)

Muitas mulheres aceitavam essa realidade de opressão como é o caso, além da mãe da protagonista, da professora que bate de frente com Hortense, obrigando-a a escrever no quadro a frase “eu não estava com atenção” como um meio de humilhá-la e de se sobressair, reafirmando seu papel de “mestre” que devia ensinar o que o governo queria. Essa mulher é a que aceita, impotente, a dominação social, transformando essa impotência

em falsas virtudes. Como afirma Beauvoir, durante muito tempo a mulher sujeitou-se ao domínio masculino:

A mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e ainda hoje o dominam; ela não se considera responsável; está entendido que é inferior, dependente; não aprendeu as lições da violência, nunca emergiu, como um sujeito, em face dos outros membros da coletividade; fechada em sua carne, em sua casa, apreende-se como passiva em face desses deuses de figura humana que definem fins e valores. (BEAUVOIR, 1949, p. 364)

Assim, a opressão masculina afirma-se pela opressão do regime, subordinando a consciência de todo povo pela voz imperativa do “Grande Pai”:

Eu reflecto o povo, disse O . S. pela voz de todos eles. E àqueles que têm a ousadia de não se parecer com o reflexo, a imagem que eu proponho, corto-lhes a voz. O meu reino é um reino de espelhos, um jogo de reflexos. Assim, eles eram dirigentes-reflexos, fantasmas de um povo que cada vez mais tardava a existir: estava suspenso sobre o real, a sua vida ainda não tinha começado. (GERSÃO, 1996, p. 128)

De tal modo essa figura é forte que alguns portugueses chegam a considerar Salazar como um santo, enviado por Deus para “salvá-los” dos perigos da terra e essa questão é ilustrada pelo episódio em que Salazar é denominado “Senhor do Mar”, com letras maiúsculas, referindo-se claramente ao poder tirânico e manipulador. Essa identificação do “santo” reforça a mitificação do ditador e reflete a fraqueza do povo em termos de conhecimento político e social, pois a maioria não percebia o quanto estava se iludindo em relação ao ditador. Até os elementos necessários à composição de um cenário dramatizado como o culto, rituais, peregrinação do povo em procissão, canto, descrição das personagens, celebração da imagem do santo eram colocados em ação para a composição da imagem de Salazar. E é esse “Senhor” ou santo às avessas, que surgiu, no país, representando uma “saída” para o encontro de outros espaços a fim de defender os direitos do povo. No entanto, à custa de abandonos e perdas, exerce a mais cruel das tiranias: a que afoga, lentamente, a consciência e a esperança. A voz do mar se sobressai entre as demais conforme o trecho abaixo:

Por detrás dessa voz, a voz do mar: cala-te, cala-te, não fales, não grites, disse o mar, tapa com as mãos.... a tua

boca, sufoca o choro (...) porque eu sou mais forte, por cada filho teu que cai sempre um outro teu filho se levanta, e a vida que perderes em mim estará, entregate ao meu poder e dorme em minhas águas, um povo de afogados, sem revolta, porque eu sou o princípio e o fim e não há saída do meu reino (...) (GERSÃO, 1996, p. 147-148)

Como podemos perceber, o mar é um grande mistério. Ele simboliza a força, o equilíbrio, o poder, é uma fuga do poder institucional imposto à grande massa portuguesa. Há uma grande relação das personagens em relação à vida e ao mar, que representa o marco do poder institucional, pois é algo que não se explica, nunca saberemos se o mar está calmo ou agitado. Nesse aspecto, indaga-se sobre a possibilidade de se compreender o mar por vezes misterioso que detém um certo domínio sobre as pessoas que o contemplam, encantadas e inertes, por horas a fio sem saber explicar o porquê. As ondas que “engolem” ou “cospem” objetos ou pessoas manipulam as águas de modo que é necessário todo o cuidado com ele.

Há, no *Dicionário de símbolos*, uma definição acerca da palavra mar e do que ela representa e isso comprovamos por meio da citação a seguir:

Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal. Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e da morte. (CHEVALIER, 1989, p. 592)

Nesse sentido, comprova-se que a simbologia do mar aponta para a luta constante dos portugueses, conquistas e fracassos que se alternam na construção de uma nova realidade.

Essa nova realidade surge com a Revolução dos cravos, citada no romance, ainda que com a noção clara de seus limites. De todo modo, abre-se um novo espaço de esperança e o romance se fecha com essa mirada para o futuro: depois de uma crise e tentativa de suicídio, Clara se salva, e também seu bebê. Hortense, no hospital, diante do berço da criança reflete sobre aquele “pequeno corpo, húmido, perfeito, sufocado”, que “[abre] uma passagem, puxado por outras mãos através de uma passagem, experimentando bruscamente o ar e o espaço, o choque da sombra contra a luz”. (p. 196)

O referido choque de sombra contra a luz ilumina a possibilidade de

novos caminhos, de uma sociedade em que não haja a sujeição de mulheres e homens, mas que, ao contrário, sejam garantidos os devidos direitos inalienáveis a todo ser na busca por sua realização existencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises precedentes dos romances enfocados, descortinam-se pontos de convergência e de distanciamento, por meio dos quais, pode-se concluir por uma leitura direcionada a aprofundar o diálogo, sempre relevante, entre as literaturas brasileira e portuguesa.

Por esse percurso analítico, afirma-se a proximidade dos textos literários estudados, principalmente, em relação à estrutura temática que apresentam: ambos focalizam narradoras representadas por mulheres fortes, mas sofridas, envolvidas em questionamentos existenciais, na tentativa de compreender a realidade em que vivem. Nesse aspecto, por um lado, destaca-se o pensamento de Sartre a respeito da existência no mundo, com as questões relativas à liberdade, à náusea, à angústia, à responsabilidade; por outro, da voz da feminista Simone de Beauvoir depreende-se a condição feminina de submissão e a necessidade da luta pela garantia dos direitos das mulheres. Isso porque, se na narrativa de Lya Luft, os homens são representados pela figura forte do avô de Anelise que era extremamente dominador e que desposou Catarina ainda criança, referindo-se aí ao condicionamento da mulher a casar para assegurar seu destino, no romance português, a grande figura de homem dominador está representada pelo mito Antonio de Oliveira Salazar que dominou, arbitrariamente, o país por quase meio século.

Outro ponto de aproximação entre as duas obras e que não possui menor importância refere-se à figura mítica do mar a fim de identificar as existências das personagens, como num jogo entre a vida e a morte. Ele detém esse poder de libertação e, ao mesmo tempo, de dominação e talvez seja isso o que mais encanta as pessoas que, por horas, o contemplam. Tanto Anelise quanto Hortense revelam que suas vidas se passaram diante do mar, à beira dele, apontando para a simbologia desse elemento poderoso que tem o sentido da constante luta da existência: a alternância entre vitórias e insucessos, e a certeza de que a vida se refaz a cada dia.

A morte também é abordada em ambas as narrativas de forma trágica. Tanto Anelise quanto Clara e Hortense perdem seus companheiros, mas a última perde também seu filho com a ditadura e as guerras coloniais que ceifaram a vida de tantas pessoas.

Com relação aos pontos em que se distanciam os romances, enten-

de-se que eles estão centrados na forma como são problematizados os contextos históricos nos quais se inserem: na narrativa de Teolinda Gersão, a então situação política portuguesa é apresentada de forma muito marcada e crítica, enquanto no texto de Lya Luft, esse aspecto não é trabalhado diretamente.

Por fim, assinala-se a grande relevância das obras analisadas, as quais permitem uma profunda reflexão sobre os limites e possibilidades de sonhar-se com um outro em que a realização dos indivíduos seja assegurada por sua condição de seres livres e responsáveis.

Ecoam aqui os versos de uma outra mulher que usou das palavras para refletir sobre a existência:

“Liberdade, essa palavra
que o sonho humano alimenta
que não há ninguém que explique
e ninguém que não entenda”.

Cecília Meireles – *Romanceiro da Inconfidência*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: São Paulo: 1949.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

GERSÃO, Teolinda. **Paisagem com mulher e mar ao fundo**: Lisboa, 1996.

HUISMAN, Pedro. **A História do existencialismo**: Edusc, 2000.

LUFT, Lya. **As parceiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da inconfidência**. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1965.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o nada**: São Paulo, Vozes, 1943.